

AS TANAGRAS COMO OBJETO DE ARTE NO SÉCULO XIX E OS IMPACTOS PARA A PESQUISA ARQUEOLÓGICA.

Ana Paula de Souza Freitas¹

As pequenas estatuetas gregas de período helenístico (séc. III-I a.C.) que conhecemos como Tanagras² (figuras 1, 2, 3 e 4) eram fabricadas em terracota (argila modelada e cozida em forno apropriado) e mediam entre 10 e 30cm de altura, representando em sua maioria meninas e jovens mulheres. As estatuetas chamam a atenção por serem consideradas esteticamente “belas” e bastante diferentes de todos os estilos de estatuetas previamente produzidas na Grécia Antiga; eram produzidas com o uso de dois moldes, um para a frente e outro para as costas; após a modelagem, os detalhes eram adicionados individualmente e após a queima eram pintadas com diferentes cores vibrantes.

Sendo os temas principais de representação figuras femininas aparentemente comuns e não divinas, essas peças podem nos fornecer valiosas informações sobre a cultura e a sociedade da Grécia helenística, no que concerne às mulheres, que até então não estariam disponíveis em outras fontes arqueológicas; a grande maioria das estatuetas gregas em terracota que retratavam figuras femininas representavam divindades³. No entanto, estudar as Tanagras nos dias de hoje enquanto fonte arqueológica apresenta uma série de problemas e desafios; o objetivo deste texto é apresentar um panorama geral do modo como a Arqueologia encarou as pequenas estatuetas e quais impactos isso trouxe para a pesquisa arqueológica.

¹ Mestranda em Arqueologia pelo Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo (MAE-USP) - Bolsista do Conselho Nacional de Pesquisa e Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

² As figuras foram assim denominadas durante as escavações que levaram à sua descoberta nos séculos XIX e XX por conta da cidade de Tanagra, sítio arqueológico na Beócia, Grécia Central, onde foram encontrados milhares de exemplares em sua necrópole; no entanto, as Tanagras eram fabricadas e difundidas por todo o mundo grego antigo, como constatou-se posteriormente em outras escavações.

³ DILLON, 2012, pp.

As estatuetas de terracota nunca foram peças muito populares nas coleções de arte europeias, em especial inglesas e francesas: a preferência, no tocante à arte grega, era sempre por grandes vasos de cerâmica e majestosas estátuas em mármore. Quando observamos as estatuetas gregas conhecidas até tal momento (segunda metade do século XIX) e colocamos em perspectiva o caráter monumental das coleções de então⁴, não existe dificuldade em entender o motivo: as peças não eram consideradas suficientemente atrativas esteticamente, não possuíam tantos detalhes em seu acabamento e eram feitas de um material barato, produzidas em larga escala. Pode-se dizer que a coroplastia⁵ era considerada como uma *folk art*, enquanto o que os colecionadores de então buscavam seria o que consideravam *fine art*.

As perspectivas mudaram radicalmente com a descoberta destas pequenas figurinhas na necrópole da cidade grega antiga de Tanagra, aos milhares. É estimado que, no ano de 1873, estatuetas de estilo⁶ Tanagra tenham sido encontradas em ao menos 4 mil enterramentos helenísticos presentes na necrópole tanagrense, em sua maioria por escavações clandestinas realizadas por moradores do local ou arredores⁷. Antes da descoberta das Tanagras, em 1861, o Museu do Louvre, em Paris, acabava de adquirir a coleção Campana, a qual possuía algumas estatuetas em terracota gregas provenientes da Acrópole de Atenas; essas figuras, mais sofisticadas que as conhecidas anteriormente, chamaram a atenção dos colecionadores. No entanto, eram poucos exemplares e já pertenciam ao acervo do Louvre. Quando as Tanagras chegaram ao mercado de arte, a demanda para peças sofisticadas em terracota provenientes do mundo grego antigo já havia sido criada⁸. Por este motivo, a aceitação foi extremamente rápida e as estatuetas chegavam facilmente até as mãos dos compradores de arte.

As Tanagras se tornaram uma febre entre os colecionadores parisienses; os homens que estavam realizando as escavações irregulares na necrópole tanagrense logo perceberam que existia uma imensa demanda pelas figurinhas e passaram a escavar cada vez mais enterramentos na busca por peças com valor de mercado. Por estarem há mais de 2 mil anos em contexto arqueológico e as escavações serem feitas de modo irregular, sem os devidos cuidados e métodos apropriados, a grande maioria das estatuetas possuía desgastes e avarias (já existentes ou que aconteceram no momento da escavação inadequada), principalmente a ausência da cabeça ou dos braços; alguns poucos exemplares possuíam ainda resquícios notáveis de pintura. As peças que poderiam ser vendidas por maior valor eram aquelas que estivessem mais conservadas e com a pintura mais intacta; por isso, logo se iniciou uma prática de restaurações nas figurinhas que

⁴ MATHIEUX, 2010, p. 17.

⁵ Chama-se de coroplastas os artesãos que fabricavam peças em terracota na Grécia Antiga.

⁶ Na Arqueologia, o termo estilo refere-se a um mesmo grupo de artefatos de aparência semelhante segundo critérios estabelecidos pelo pesquisador que realiza a classificação.

⁷ BECQ, 2010, p. 16.

⁸ MATHIEUX, 2010, p. 17.

eram feitas de modo a não serem notadas (fig. 5). Como era esperado, logo começou-se a falsificar peças inteiras para suprir a demanda do mercado (figuras 6, 7 e 8). Os falsificadores, por muitas vezes, tomavam o cuidado de usar argila grega de textura muito semelhante à usada em alguns exemplares originais, além de desgastarem propositalmente as feições da figura e sua pintura⁹.

Não havia, portanto, muitos meios de se distinguir falsificações bem-feitas, principalmente por não existir ainda um campo dentro da pesquisa científica que conhecesse e estudasse aqueles objetos em particular; era uma descoberta nova dentro da Arqueologia da Grécia Antiga. Os museus, por sua vez, caso se interessassem por adquirir Tanagras para seus acervos (tanto para exposição quanto para estudo), também precisariam recorrer ao mercado irregular e aos *dealers*, visto que as escavações em Tanagra tomaram proporções muito grandes e a essa altura não eram controladas por nenhum órgão oficial.¹⁰ Os acervos de grandes museus europeus, como o Louvre e o Museu Britânico, possuem ainda hoje muitas peças falsificadas que eram consideradas legítimas Tanagras durante o apogeu do mercado das figurinhas. Atualmente, essas peças passaram por processos mais avançados de datação (por exemplo, a termoluminescência) não utilizados na época e são mantidas no acervo como arte europeia do século XIX.

O primeiro trabalho científico acerca das estatuetas de estilo Tanagra foi publicado em 1878 pelo arqueólogo Reinhard Kekulé; foi uma tentativa de fazer uma compilação de tudo o que se sabia até o momento sobre essas figuras, examinando-as como fontes arqueológicas primárias. Kekulé deu especial destaque às possíveis técnicas utilizadas na fabricação das estatuetas, além de trazer um histórico do sítio arqueológico. Edmond Pottier também publicou um trabalho onde procurava analisar e entender a simbologia e o significado das estatuetas no mundo antigo, trabalhando com a hipótese de que seriam oferendas votivas e sempre relacionando a coroplastia com as peças da grande estatuária, a arte monumental grega em mármore, bronze e calcário; Pottier trabalhou fortemente o conceito de que a sepultura funcionava como uma extensão da casa após a morte do indivíduo. Depois, vieram os trabalhos de Wilhelm Fröhner, onde propunha a hipótese de que as figuras funcionavam apenas como presentes trocados entre as pessoas e que iam para a sepultura com elas por serem suas posses; para ele, não havia significado religioso e era uma expressão mais individual do que comunitária¹¹.

É claro que, apesar de serem trabalhos científicos publicados por arqueólogos ligados à museus, todas as dificuldades já descritas permeavam suas pesquisas: além dos problemas com restaurações e falsificações, existia a impossibilidade de se analisar o contexto arqueológico onde determinada peça foi encontrada por conta da falta de método nas escavações. Em uma escavação comum, as peças deveriam ser

⁹ MATHIEUX, 2010, p. 18.

¹⁰ MATHIEUX, 2010, p. 19.

¹¹ UHLENBROCK, 1993, p. 12.

documentadas da maneira como estavam quando vistas pelo arqueólogo, algo que não aconteceu nas escavações da antiga Tanagra, que não foram feitas por profissionais.

As publicações que ganharam mais destaque sobre o assunto, no entanto, foram aquelas escritas por amantes de arte e colecionadores, por conta da maior circulação e acesso facilitado. O livro publicado nos Estados Unidos no ano de 1879, por Mary F. Curtis, tem como objetivo explicar ao público curioso do que se tratam as Tanagras, as quais a autora chama de "*worldwide celebrities*". Curtis faz um apanhado geral das rasas informações que se possuía até o momento acerca das estatuetas e pontua que escrever um livro sobre um material tão novo e confuso carrega certas dificuldades; a hipótese sustentada pela autora é a de que, sendo um "quebra-cabeças arqueológico", as estatuetas podem sim nos trazer novas informações a respeito da sociedade grega, porém deve-se tomar cuidado para não as superestimar: em sua visão, as Tanagras não possuem significado maior do que o de pequenas peças feitas com cuidado e precisão, objetos de arte destinados a decoração e troca de presentes¹².

É comum observar, nos trabalhos publicados nos séculos XIX e início do XX, a similaridade com que os autores encaram a arte antiga e a arte moderna: para eles, os gregos possuíam a mesma relação com as artes do que a que existia no mundo europeu de então, e isso era implícito em suas análises. Não se trabalhava com a possibilidade de que, sendo uma sociedade tão diversa culturalmente, politeísta e dois mil anos mais antiga, a relação com a arte e a cultura poderia ser totalmente outra. Nos chama a atenção um texto de autoria anônima publicado nos Estados Unidos em 1911, que após descrever algumas peças, faz uma análise complexa e bem exposta sobre o possível lugar das figurinhas na sociedade antiga, colocando teorias que procuram entender a mudança brusca nas terracotas anteriormente produzidas para as Tanagras, relacionando-a com a transição de períodos (clássico para helenístico) e mudanças gerais no pensamento e na sociedade grega (que teria se tornado parte integrante do novo mundo cosmopolita helenístico), passando a valorizar mais a representação de indivíduos comuns em detrimento das divindades; o texto aponta também a possibilidade de que o coroplasta procurasse representar a vida diária de um certo grupo de mulheres gregas do período, além de uma possível influência da grande estatuária¹³.

Outros trabalhos semelhantes aparecem posteriormente, alguns aconselhando até mesmo os colecionadores de arte a não investirem nas Tanagras por conta do alto risco e da grande probabilidade de se tratar de uma peça falsificada¹⁴. O primeiro trabalho científico que possui uma base consistente para se falar sobre as Tanagras é o da arqueóloga americana Dorothy Burr-Thompson, publicado em 1966. O artigo, denominado *The Origin of Tanagras*, afirma que o estilo que mais tarde seria chamado de Tanagra teria

¹² CURTIS, 1879, pp. 5-12.

¹³ S.N.D., 1911, pp. 24-30.

¹⁴ S.N.D., 1914, p. 20.

surgido em Atenas, e a cidade da Beócia teria importado o modo de fazer de Atenas, o que se confirmaria levando em conta, além da óbvia relação de metrópole e província, o histórico das terracotas de períodos anteriores nas duas cidades. Em Atenas, o surgimento de um tipo de estatueta tão bem trabalhada e detalhada, como pequenas obras de arte, seria iminente. Além de ressaltar essa discrepância, a autora também trabalha com a hipótese de que essa transformação repentina no modo de se produzir as figurinhas faz parte de uma “*wider trend*”, onde as estatuetas passavam da maneira ideal e formal do período clássico para um estilo impessoal e informal da era helenística; estudar as mudanças nas figuras é estudar como os coroplastas absorveram essas tendências gerais com a mudança de período¹⁵.

Os milhares de exemplares originais de estatuetas de estilo Tanagra que existem, espalhados entre coleções particulares (a maior parte) e acervos de museus, são uma fonte arqueológica de valor inestimável para ampliar os conhecimentos que possuímos sobre a sociedade grega do período helenístico, em especial para melhor se compreender uma possível transição de um mundo mais fechado e centrado na polis para um mundo cosmopolita, onde estaria ocorrendo uma provável secularização do pensamento grego. No entanto, essas fontes foram por muitos anos negligenciadas pela pesquisa arqueológica, por conta de todas as dificuldades expostas ao longo deste texto. De alguns trabalhos publicados no final do século XIX, apenas na segunda metade do século XX é que temos uma análise arqueológica consistente acerca destas peças. A partir de então, o número de trabalhos na Arqueologia que tratam das Tanagras cresceu consideravelmente; existe, no entanto, uma lacuna bibliográfica de quase um século entre publicações importantes de caráter arqueológico sobre tais estatuetas. Hoje, os desafios do arqueólogo que se propõe a estudar as Tanagras continuam os mesmos (claro que facilitados pelas pesquisas prévias); pesquisando o tema no Brasil temos além do agravante geográfico o problema da escassez de peças: possuímos dois exemplares de estatuetas de estilo Tanagra originais no Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo (MAE-USP), que atualmente são alguns dos únicos em coleções públicas (após o incêndio do Museu Nacional, onde perdemos várias terracotas gregas e ao menos dois exemplares de Tanagras originais), e alguns exemplares em coleções privadas, que nem sempre são de fácil acesso.

Na pesquisa de mestrado que estamos desenvolvendo no Programa de Pós-Graduação em Arqueologia (PPGARq) do MAE-USP, junto ao Laboratório de Estudos sobre a Cidade Antiga (Labeca), está sendo construído um catálogo que conta, além dos nossos exemplares, com estatuetas retiradas dos acervos do Museu do Louvre, Museu Britânico, Museum of Fine Arts (Boston) e Metropolitan Museum of Art (Nova Iorque), para que possamos fazer uma análise ampla: a produção de terracotas era feita em larga escala, logo acreditamos que faça mais sentido compreender o papel dessas figuras no mundo antigo analisando-as em grupos ao invés de individualmente.

¹⁵ BURR-THOMPSON, 1966, pp. 52-54.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BURR-THOMPSON, D. 1966. *The origin of Tanagras*. American Journal of Archaeology Vol. 70, nº 1, 51-63.
- BECQ, J. 2010. 1872: The Tanagras in Paris. In: JEAMMET, V. *Tanagra: Figurines for life and eternity*. Paris: Musée du Louvre.
- CURTIS, M. F. 1879. *Tanagra Figurines*. Boston: The Riverside Press, Cambridge.
- MATHIEUX, N. 2010. Tanagras in Paris: a bourgeois dream. In: JEAMMET, V. *Tanagra: Figurines for life and eternity*. Paris: Musée du Louvre.
- UHLENBROCK, J.P. 1993. *The study of ancient Greek terracottas, a Historiography of the discipline*. Harvard university Art Museum Bulletin Vol. 1 nº 3, 7-27.

FIGURAS



Figura 1 – Tanagra de tipo "La Dame en Bleu" do acervo do Museu do Louvre.



Figura 2 – Tanagra de tipo "La Sophocléenne" do acervo do Museu do Louvre.



Figura 3 – Tanagra do acervo do MAE-USP.



Figura 4 – Tanagra do acervo do MET – NY.



Figura 5 – Tanagra do acervo do Museu do Louvre com reforço das cores feito durante os séculos XIX-XX.



Figura 6 – Falsificação do séc. XIX no acervo – coleção particular americana.



Figura 7 – Falsificação do séc. XIX no acervo – coleção particular americana.



Figura 8 – Falsificação do acervo do Museu Britânico – séc. XIX.